

Resenha do livro “Uma teoria do poder global”

Book Review “A Theory of Global Power”

DOI: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.153436>

Mateus Webber

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil

mateus.webber@hotmail.com  

Yuri Bravo Coutinho

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil

yuri.bravo1998@gmail.com  

Resumo

No livro “Teoria do Poder Global”, José Luís Fiori revisita sua obra acadêmica, escrita e oral, articulando seu conhecimento como sociólogo, economista e cientista político para sistematizar sua interpretação das transformações do poder nas relações internacionais. Realizamos uma resenha crítica da obra de Fiori (2024), cujo objetivo central é apresentar as redefinições do poder global, deslocando a interpretação conjuntural de busca por equilíbrios para a avaliação de que há uma lógica, inerente às relações internacionais de poder, de conflito permanente e gestão das incertezas, tanto nas guerras quanto na dinâmica de mercado. A resenha destaca como o autor rejeita interpretações economicistas ou evolucionistas do capitalismo, enfatizando decisões políticas e hierarquias estruturais. Ao reconstruir a trajetória hegemônica estadunidense e examinar os limites de suas intervenções militares, a obra evidencia o caráter contraditório da ordem unipolar e a emergência de potências emergentes, sobretudo China e Rússia. Conclui-se que a teoria do poder global de Fiori reúne uma vasta bibliografia que permite articular uma proposta teórica fundamental para interpretar as relações entre poder, tempo histórico e desenvolvimento no sistema capitalista interestatal.

Palavras-chave: Fiori; Poder Global; Capitalismo.

Abstract

In the book “Teoria do Poder Global” (Theory of Global Power), José Luís Fiori revisits his published work, integrating his knowledge as a sociologist, economist and political scientist to unveil a celebrated interpretation of the transformations of power in international relations. A thorough analytical review of Fiori's work (2024) was conducted, with the central objective of presenting the redefinitions of global power and shifting the conjunctural interpretation of the search for balance to an assessment that there is a logic, inherent in international power relations, of permanent conflict and management of uncertainties, both in wars and in market dynamics. The review under scrutiny here highlights the author's rejection of economicist or evolutionist interpretations of capitalism, emphasising political decisions and structural hierarchies as key factors. By examining the historical trajectory of United States hegemony and the limits of its military interventions, the work highlights the contradictory nature of the unipolar order and the emergence of new powers, especially China and Russia. The conclusion drawn therein asserts that Fiori's theory of global power synthesises a substantial bibliography, thereby facilitating the articulation of a foundational theoretical proposition for interpreting the relationships between power, historical time, and development in the interstate capitalist system.

Keywords: Fiori; Global Power; Capitalism.

Recebido: 05 Fevereiro 2026

Aceito: 06 Fevereiro 2026

Conflitos de interesse: Os autores não reportaram potenciais conflitos de interesse



Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuição sob os termos da Licença [Creative Commons de Atribuição Não-Comercial Compartilha-Igual 4.0 Internacional \(CC BY-NC-SA 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/), que permite seu uso, distribuição e reprodução em qualquer meio bem como sua transformação e criações a partir dele, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados. Ainda, o material não pode ser usado para fins comerciais, e no caso de ser transformado, ou servir de base para outras criações, estas devem ser distribuídas sob a mesma licença que o original.

José Luís Fiori é um dos intelectuais brasileiros mais influentes no campo da Economia Política Internacional e da Geopolítica. Com uma trajetória marcada pela análise crítica do sistema mundial, o autor é conhecido por desafiar visões convencionais sobre o desenvolvimento e o poder global. Sua formação transita entre a Ciência Política e a Economia, o que lhe permitiu construir uma narrativa única sobre como as grandes potências se formam e se tornam poderes hegemônicos. Atualmente professor titular de Economia Política Internacional na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Fiori construiu um pensamento denso e instigante que trata a Geopolítica como um jogo de xadrez onde as peças não param de se mover no tabuleiro.

A obra de Fiori, concentrada em “Teoria do Poder Global”, é essencial para quem deseja entender por que o mundo é tão desigual e por que as guerras e disputas de poder são constantes. A proposta teórica de Fiori redefine o poder global como um fluxo dinâmico e metafísico que se manifesta exclusivamente no ato de seu exercício. Sob essa ótica, fenômenos como guerras, crises e ascensão de hegemonias deixam de ser anomalias para se tornarem expressões naturais da dinâmica de expansão do poder.

O argumento central na primeira parte do livro estabelece uma ruptura ontológica com a economia política clássica, substituindo a busca por equilíbrios permanentes por uma visão de conflito perpétuo, ancorada na necessidade humana de mitigar a incerteza inerente à realidade social. Assim, ao tentar compreender uma conjuntura do tempo presente, “a partir dos motivos, decisões e determinações estruturais conhecidas, [o analista] procura prever consequências”, ao passo que compreender uma conjuntura passada, “ciente das consequências, [o analista] procura explicá-las, reconstruindo a trajetória de suas razões desconhecidas” (Fiori, 2024, p. 50). Nesse sentido, os arranjos políticos surgem como tentativas históricas de institucionalizar as relações sociais e controlar o imprevisível.

Contudo, como as decisões são tomadas sem o pleno conhecimento de seus desdobramentos, o futuro acaba por interpelar o presente através das expectativas dos atores. Assim, uma “conjuntura” é apresentada por Fiori como espaço de luta permanente pelo controle de referidas incertezas, onde informações, ideologias e experiências passadas transformam o porvir em um ativo estratégico para a tomada de decisão. Com efeito, o sistema internacional surge como uma conjuntura histórica específica sustentada pela capacidade soberana dos Estados de guerrear e emitir dívida, o que Fiori concebe como “luta violenta” e “luta pacífica”, respectivamente, pelo controle sobre as incertezas.

Para fundamentar o seu método, Fiori estabelece um diálogo crítico com grandes tradições do pensamento social. Ao recorrer a Clausewitz, o autor delimita a guerra como “situação-limite” da política, onde os meios e fins são racionalizados até que a politização do conflito provoque um estado de latência permanente. Ao confrontar a teoria econômica clássica, o autor rejeita o mercado como um “tipo ideal” autorregulado e previsível, propondo, em seu lugar, uma visão do capitalismo como um movimento cíclico, onde o poder e o tempo estrutural são variáveis decisivas. Da historiografia de Fernand Braudel, Fiori absorve a noção de simultaneidade das temporalidades, articulando a longa duração das estruturas seculares com as oscilações rápidas das crises conjunturais. Por fim, a análise destaca que nem mesmo o marxismo clássico resolveu plenamente a tensão entre estrutura econômica e vontade política, frequentemente recaindo em leituras economicistas. No encerramento do capítulo, a teoria do poder global apresenta-se como um programa de pesquisa incipiente, que evita ser normativo ou puramente preditivo, avaliando a continuidade estrutural por trás das mudanças conjunturais.

Nessa obra, além de retomar o debate sobre tempo, método e desenvolvimento, Fiori também aprofunda a discussão sobre temas que permeiam todos os seus trabalhos anteriores, como poder, hegemonia, riqueza, guerra e paz. Dialogando com autores como Eric Hobsbawm, Giovanni Arrighi e Henry Kissinger, Fiori analisa alguns fatores que já indicavam a “crise da hegemonia americana” desde o início da década de 1970. Se, por um lado, os Estados Unidos emergiram vitoriosos da Guerra Fria, consolidando uma liderança unipolar nos anos 1990 sob o signo da globalização, por

outro, a ascensão chinesa já no alvorecer do século XXI passou a tensionar essa ordem. Esse movimento sinalizava o esgotamento da hegemonia absoluta e o retorno de uma competição sistêmica mais acirrada.

Um dos argumentos centrais das obras de Fiori (como “Estados e moedas no desenvolvimento das nações”, de 1999 e “O poder americano”, de 2004) é a correlação entre o poder político e o poder econômico e como as dinâmicas internacionais devem ser entendidas por meio dessa lógica de competição interestatal. O capítulo dois constrói uma interpretação abrangente e deliberadamente não linear das transformações do capitalismo contemporâneo, articulando crises econômicas, inflexões ideológicas e reconfigurações do poder estatal. Ao percorrer diferentes momentos históricos (crise do padrão dólar-ouro, emergência do neoliberalismo, colapso soviético e reestruturação do capitalismo financeiro), Fiori evita uma narrativa cronológica convencional e privilegia a identificação de nexos estruturais. O elemento unificador dessa leitura é a centralidade do Estado como ator decisivo na conformação do desenvolvimento e da ordem global. Nesse sentido, o autor recusa explicações economicistas ou evolucionistas, sustentando que as mudanças internacionais resultam fundamentalmente de decisões políticas, disputas de poder e estratégias estatais, sobretudo das grandes potências.

Tal perspectiva se ancora na articulação teórica que combina economia política internacional, história e teoria sobre o Estado. A partir dela, Fiori questiona tanto a crença liberal na autorregulação dos mercados quanto as formulações desenvolvimentistas que abstraem as hierarquias do sistema internacional. A análise da chamada “revolução conservadora” e da ascensão da hegemonia neoliberal demonstra que a anunciada crise do Estado, recorrente no debate dos anos 1970, teve um forte conteúdo ideológico. Longe de se retrair, o Estado foi reconfigurado e fortalecido nos países centrais, assumindo novas funções voltadas à financeirização da economia e à sustentação de estratégias imperiais. Com isso, o debate sobre o desenvolvimento é deslocado para o terreno da soberania, da capacidade estatal e da assimetria entre centro e periferia, evidenciando que o mercado, isoladamente, não constitui uma força autônoma de ordenação histórica.

Os argumentos nesse sentido ganham densidade quando o autor contrasta a via prussiana de desenvolvimento com o desenvolvimentismo latino-americano. Enquanto a primeira esteve associada à construção de Estados nacionais com capacidades autônomas, resultantes de expansão geopolítica e impulsos industriais, o segundo aparece como um processo dependente e limitado, marcado pela hegemonia estadunidense e pela associação subordinada aos fluxos de capital estrangeiro. A retomada crítica do debate cepalino e da teoria da dependência reforça essa leitura, indicando que o desempenho histórico inferior da periferia decorre da ausência de uma estratégia estatal de longo prazo.

Dessa forma, o capítulo apresenta-se, a partir de ensaios, como um esboço de teoria política do desenvolvimento, na qual o Estado, a soberania e a luta pelo poder global ocupam o centro da explicação histórica. Em perspectiva comparada, Fiori denuncia o esgotamento do Estado desenvolvimentista brasileiro à luz das transformações do capitalismo internacional, demonstrando que essa crise resulta sobretudo das reconfigurações da hierarquia de poder e da perda de autonomia dos Estados periféricos. Isto é, o fenômeno cambiante das estruturas político-econômicas do poder global reduziu sistematicamente a capacidade de desenvolvimento fora dos centros de poder.

A transição da década de 1990 para os anos 2000 foi de crise econômica em vários países latino-americanos (como o “Efeito Tequila” no México, o “Corralito” na Argentina e a crise cambial brasileira); o acelerado desenvolvimento industrial dos “Tigres Asiáticos” (Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura e Hong Kong); o exponencial crescimento do comércio exterior chinês; o ressurgimento dos objetivos geopolíticos revisionistas da Rússia de Putin; a consolidação da União Europeia como bloco regional relevante no sistema internacional e o crescente questionamento sobre a validade e a representatividade da ordem internacional vigente à época. Fiori pontua que, de certa forma, foram os próprios Estados Unidos que propiciaram o ambiente internacional para seu relativo declínio nesse período. Para o autor,

no período em que a humanidade teria estado mais próxima de uma “paz perpétua” tutelada por uma única “potência global”, aquilo a que se assistiu foi uma sucessão quase contínua de guerras que

envolviam a própria potência dominante. Foi exatamente esse processo expansivo e bélico da potência dominante, os Estados Unidos, que provocou – de maneira contraditória – o ressurgimento militar da Rússia, bem como o aparecimento e a expansão da nova grande potência do sistema interestatal, a China (Fiori, 2024, p. 599).

Na parte quatro, Fiori faz um apanhado histórico acerca dos conflitos armados dos quais os Estados Unidos participaram no último século, iniciando nas duas Grandes Guerras (1914-1918 e 1939-1945), a Guerra do Vietnã (1955-1975), a Guerra do Golfo (1990-1991) e, por fim, a Guerra do Iraque (2003-2011). O autor justifica essa retrospectiva para demonstrar como os norte-americanos se utilizam de conflitos armados para, em um primeiro momento, consolidar e, em seguida, expandir seu império global. A conclusão a que chega Fiori é que todos esses enfrentamentos militares ao redor do mundo não resultaram na consecução dos seus interesses, considerando que essas “intervenções militares não expandiram a democracia nem os mercados livres; as guerras aéreas não foram suficientes sem a conquista territorial; e a conquista territorial militar não conseguiu dar conta da reconstrução nacional dos países derrotados” (Fiori, 2024, p. 474).

Nesse sentido, Fiori articula de forma consistente a quarta com a quinta e última parte da obra, intitulada “Guerra e Paz”. Nela, ele discorre tanto sobre os reflexos para a política internacional das guerras supracitadas, como também acerca das novas tensões mundiais, como a invasão da Ucrânia pela Rússia, em 2022. Segundo Fiori, momentos historicamente disruptivos, como o atual, fomentam o surgimento de movimentos que questionam a validade e a representatividade de crenças e epistemologias consolidadas, produzindo fissuras na ordem internacional e abrindo espaço para maior pluralidade cultural, incorporação de novas pautas à agenda global e avanços científicos e tecnológicos. Para isso, “é necessário que as grandes potências contemporâneas abandonem seu dogmatismo missionário e catequético, e oficializem o ‘ceticismo’ como doutrina oficial do novo sistema internacional que está nascendo nesse início do primeiro século do terceiro milênio” (Fiori, 2024, p. 624).

A esse respeito, é interessante notar as aproximações e divergências entre Fiori e John Mearsheimer. Para Fiori, o poder e a riqueza atuam em simbiose indissociável, isto é, o Estado que deixa de expandir suas fronteiras está relegado a desaparecer. Há, portanto, a necessidade constante e perpétua de conquista, inerente ao “casamento” entre o capital e o poder militar. Mearsheimer, em contrapartida, vê a competição e a agressividade entre as potências como resultado e imposição da estrutura anárquica do sistema internacional, dentro da lógica do seu Realismo Ofensivo. Como não há uma entidade supranacional capaz de limitar o poder estatal, os Estados são impelidos a manter sua sobrevivência por meio da busca por hegemonia.

Outro autor das Relações Internacionais com o qual Fiori dialoga (ainda que indiretamente) é Joseph Nye, sobretudo com seu conceito de “*Soft Power*”. Para Fiori, a dimensão da atração cultural e da legitimidade institucional não constitui uma forma independente de poder, mas sim o verniz ideológico que necessariamente acompanha a expansão militar do Estado. Nye, por sua vez, vislumbra uma ordem internacional calcada na cooperação internacional e instituições internacionais, Fiori desmistifica essa visão ao tratar essas mesmas instituições e valores (supostamente) universais como ferramentas de cristalização de um *hegemon* que se impõe, notadamente, pela força. Dessa forma, a crise contemporânea vivida pelos Estados Unidos é ensejada mais por questões estruturais (a dinâmica constante de competição interestatal), do que, necessariamente, pela perda de uma “liderança moral” ou “de valores” norte-americanos.

Referências

FIORI, José Luís. **Uma teoria do poder global**: do sistema interestatal eurasiático à explosão do capitalismo. Petrópolis: Vozes, 2024.

MEARSHEIMER, John. **A tragédia da política das grandes potências**: o realismo ofensivo e a luta pela hegemonia. Rio de Janeiro: Graiva, 2014.

NYE JR., Joseph. **O futuro do poder**. São Paulo: Benvirá, 2012.

Funções de colaboração exercidas	
Mateus Webber:	Conceituação; Visualização; Análise formal; Investigação; Escrita (primeira redação); Escrita (revisão e edição).
Yuri Bravo Coutinho:	Conceituação; Visualização; Análise formal; Investigação; Escrita (primeira redação); Escrita (revisão e edição).

Informações fornecidas pelos autores de acordo com a [Taxonomia de Funções de Colaborador \(CRediT\)](#)